

* Artigo Original

A comunicação cinematográfica como dispositivo de produção de saúde no cotidiano

Rafael Cavadas

Jornalista. Assessor de comunicação da Associação Brasileira da Rede Unida.

DOI: 10.3395/reciis.v6i2.Sup1.627pt

Na última década, desde o sucesso bilheteria de *Cidade de Deus* (2002), passando por *Tropa de Elite* (2007) com direito a uma sequência em 2010 (*Tropa de Elite 2*), a cinema brasileiro tem abordado a questão do consumo de drogas em diversas perspectivas associadas a problemas sociais, econômicos, políticos e culturais de diferentes matizes. Há poucas semanas, dois novos títulos ocuparam salas de exibição, em todo o país, tendo como pano de fundo o uso de álcool e outras drogas. O drama *Paraísos Artificiais* (2011), do diretor Marcos Prado, e a comédia *E aí, Comeu?* (2011), assinada por Felipe Joffily, são os exemplos mais recentes de como a cinematografia nacional tem posto o uso de drogas em debate sem necessariamente tornar evidente a inserção da Saúde em tal discussão.

Já no início desta mesma década, um relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) indicava que cerca de 10% das populações urbanas de todo o mundo abusavam do consumo de substâncias psicoativas independente da idade, sexo, nível de instrução ou poder aquisitivo; o que talvez possa justificar o interesse do cinema pelo tema que, segundo o Ministério da Saúde, trata-se de um grave problema de saúde pública.

Se em *Paraísos Artificiais*, Prado se inspira na obra do poeta francês Charles Baudelaire de 1860 para expressar a dificuldade dos jovens da classe média em lidar com o cotidiano a não ser mediado por soluções artificiais que (como todas as “soluções”) trazem consequências; na obra de Joffily, a uso de álcool e outras drogas surge como um potente coadjuvante que incrementa cenas de sexo e sedução em sua comédia de costumes.

Independente do tratamento dado pelos diretores ao tema, está presente nas duas obras, o registro de uma cultura que nas palavras de Gabriel García Márquez (MÁRQUEZ, 2011): “é a força totalizadora da criação: o aproveitamento social da inteligência humana”. E que tal força nos tensiona para pensar diferentes tipos de abordagem e problematização da questão até hoje tratada predominantemente a partir de uma ótica biomédica de abstinência e isolamento social em que o usuário é associado à criminalidade e práticas antissociais.

As palavras de Gabriel García Márquez foram proferidas durante um discurso, em 1985, em Cuba, para qualificar a necessária aproximação das ciências com as artes, mas atualmente podem inspirar nosso olhar a interpretar produções cinematográficas como dispositivos capazes de problematizar a compreensão sobre saúde, quando estes dispositivos acenam para comportamentos, práticas, e produção de sentidos sociais. Ou pensar a promoção da saúde,

por meio do uso de materiais de comunicação, capaz de articular e mobilizar saberes técnicos e populares em espaços formais e não formais de aprendizagem.

De outra perspectiva, cabe recuperar a Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas (BRASIL, 2004), que destaca o atraso histórico do Brasil para tratar do uso abusivo de álcool e outras drogas, para compreender que não é mais possível desconsiderar as implicações sociais, psicológicas, econômicas e políticas que permitem a compreensão global sobre o tema. E ainda, que a dependência das drogas afeta as pessoas de diferentes maneiras, por diferentes razões, em diferentes contextos e circunstâncias, e que exige ações transversais para garantir o direito à saúde dos usuários.

Voltando aos filmes, a literatura indica que o uso do cinema como instrumento de ações educativas das políticas públicas de saúde, no Brasil, remonta os anos de 1930 com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), em 1936, voltado para a educação em ciências e a divulgação científica e tecnológica. E, anos depois, em 1942, com a criação da Secretaria Especial de Saúde Pública (SESP), onde seriam produzidos filmes para ações de educação em saúde junto à Fundação Rockefeller (GUIMARÃES *et al.*, 2010).

Feito por instituições de saúde ou por produtoras comerciais e/ou independentes, o cinema, ao longo dos tempos, tem demonstrado sua grande capacidade de por em diálogo temas pertinentes à sociedade com o cotidiano diverso e complexo do Sistema Único de Saúde (SUS). Mais que isso, o cinema tem operado como dispositivo para dar certas visibilidades aos problemas do cotidiano do sistema de saúde para além da lógica biomédica e epidemiológica dos dados estatísticos. Isto porque, assistir uma imagem em movimento não é o mesmo que assistir ao mundo e sim, assistir segundo ela, com ela, a partir dela, em que o que ela suscita é a direção do olhar (FATORELLI *et al.*, 2006) forjado a partir das intersubjetividades, no processo de construção de vida dos indivíduos.

Paraísos Artificiais e *E aí, comeu?* não foram as únicas estreias a relacionarem questionamentos humanos ao uso de álcool e drogas nas salas nacionais. A produção do Reino Unido *Weekend* (2011), de Andrew Haigh, também disputou espaços no letreiro das bilheterias para apresentar o drama de um casal homossexual que acabara de se conhecer, alternando reflexões e abusos. Ou seja, a temática é global, o interesse é geral, e a participação do SUS nisso? Provavelmente sejam filmes que pouca gente viu, mas que reforçam uma cultura de baixa incidência da Saúde. Ampliar o uso e problematizar as abordagens feitas, principalmente na relação do que pode a arte para a produção de novas saúde, parece ser indicado para fortalecer uma cultura de saúde mais compatível com o SUS que todos queremos.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. 2.ed. rev. ampl. Brasília, DF, 2004.

CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2009.

GUIMARÃES, M.C.S. et al. Health education in 16mm: audiovisual memory of the Special Office of Public Health – SESP. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.14, n.32, p.23-34, jan./mar. 2010.

FATORELLI, A.; BRUNO, F. (Org.). **Limiares da imagem**: tecnologia e estética na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MÁRQUEZ, G. G. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.